

Balanço reconhece déficit público como desafio ainda a ser vencido ⁸²

Questão foi a única no discurso em que presidente admitiu um dado negativo de seu governo

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu ontem que o déficit do setor público é um problema que ainda perturba o governo. No balanço positivo de mais de uma hora que fez ontem no Palácio do Planalto sobre seu governo, durante a reunião com ministros e líderes no Congresso, o presidente pediu a aprovação das reformas administrativa e da Previdência. "Elas são fundamentais, porque sem elas não vamos ter o horizonte completamente tranqüilo no que diz respeito ao déficit público", argumentou.

Fernando Henrique explicou que a redução do déficit público se faz com a queda dos juros — "que o governo vem baixando" — e com as reformas do Estado e da Previdência. "Esse é o problema que nos atazana", afirmou, no único momento do discurso em que reconheceu um dado negativo de seu governo. Ressaltou, porém, que não se tratava de um "argumento ao terrorismo, até porque o governo tem capacidade operacional para evitar que isso provoque uma desorganização na estabilização da moeda".

Sem perder a oportunidade de rebater os ataques ao desempenho do governo, como o aumento do desemprego, o déficit da balança comercial e a falta de ações na área social, o presidente chegou a classificar de "maldosos, metirosos ou ignorantes" os que não querem aceitar os números sobre a redistribuição de renda com o Plano Real. "Quem continua dizendo que o Plano Real foi feito para ajudar banqueiro, que o Plano Real foi feito para os ricos, simplesmente mente", afirmou. "Mente ou é ignorante."

Fernando Henrique disse que é mais "triste" mentir em relação aos dados apresentados. "A ignorância não é culpa de ninguém, mas a

mentira é", afirmou. "Tem gente que sabe que é assim, e continua dizendo o contrário por razões puramente eleitoreiras." Para o presidente, se houver outros dados devem ser mostrados. "Mas ninguém mostra nunca nenhum outro dado, então é assim mesmo."

Desemprego — Para justificar o alto índice de desemprego na grande São Paulo, o presidente usou dois argumentos: a inclusão na estatística de crianças acima de 10 anos e a transformação econômica e geográfica nos investimentos. "Ora, o governo vem combatendo o trabalho infantil, quanto menos crianças trabalharem com essa idade, se estiverem na escola, melhor", argumentou. "Está havendo um deslocamento de empresas do Sul e Sudeste para o Nordeste e o Norte."

Ele afirmou também que os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são os únicos que permitem a comparação em âmbito internacional. Enfatizou também que a taxa de desemprego de 5% deste ano é mais baixa que a de 1993, embora isso não signifique que não haja desemprego. "Apenas o Japão tem uma taxa inferior à nossa, estamos no nível dos Estados Unidos e da Espanha."

Por meio de transparências e de forma didática, Fernando Henrique mostrou dados de redução do nú-

mero de pobres, de aumento de consumo de alimentos e de eletrodomésticos, ressaltou a manutenção do preço da cesta básica de julho de 1994 (R\$ 106,95) a julho deste ano (R\$ 106,94). "Surpreende o aumento de consumo do iogurte", observou. "Mostra uma mudança no padrão de consumo." E aproveitou o alto índice de aprovação do Plano Real: "É porque nós trabalhamos, não é porque nós fizemos demagogia."

O presidente enfatizou que o Plano Real desbancou todas as previsões dos "maldosos" que o classificavam de eleitoreiro e diziam que traria como consequência o desem-

prego, a recessão e a diminuição do bem estar da população. "É o contrário", afirmou. "Todos estão ganhando, mas quem está ganhando mais são os mais pobres."

Fernando Henrique afirmou que o Plano Real é o "pilar

efetivo da nova organização da ação do governo, em termos de controle do gasto público, em termos de controle da moeda". E comparou a evolução da inflação. "Basta dizer que a inflação acumulada em 12 meses, quando se compara 95, quando nós já havíamos tido uma baixa considerável, com 96, grosso modo, ela passa de 20% ao ano para 10% ao ano", ressaltou. Segundo ele, depois de 30 meses "a memória inflacionária começa a esboroar". (I.B. e T.M.)

PARA ELE, REAL
DESBANCOU
PREVISÕES DE
'MALDOSOS'